

**Conhecimento e percepção dos recursos vegetais em uma comunidade tradicional no município de Viçosa, Minas Gerais.** Gustavo Taboada Soldati<sup>1,4</sup> ([tigubio@yahoo.com.br](mailto:tigubio@yahoo.com.br)), Alexandre Francisco da Silva<sup>2,4</sup>, France Maria Gontijo Coelho<sup>3,4</sup>, Reinaldo Duque-Brasil<sup>1,4</sup>. <sup>1</sup>Estudante de Ciências Biológicas; <sup>2</sup>Professor do Departamento de Biologia Vegetal; <sup>3</sup>Professora do Departamento de Economia Rural; <sup>4</sup>Universidade Federal de Viçosa.

### **Introdução:**

Hoje, representando apenas 7 a 8% de sua área original a Mata Atlântica é provavelmente o ecossistema mais devastado e ameaçado do planeta. A sua taxa de modificação é muito intensa e suas fisionomias vêm sendo substituídas por outras paisagens muito rapidamente. Além do processo de decréscimo da biodiversidade, uma outra perda vem acontecendo: a diversidade cultural que tem sido arruinada pelas intensas modificações na região da Mata Atlântica. Vasto conhecimento construído pelos povos tradicionais está desaparecendo rapidamente com as comunidades (Galindo-Leal e Câmara, 2005). Diante desse cenário, a necessidade de medidas de conservação se faz urgentes. Entretanto, quais são as técnicas, modelos e conceitos que estão sendo utilizados para tal fim? Com quais valores e concepções foram eles criados? Diegues (2000) defendeu que existem práticas que se projetam como um padrão mundial para a conservação: os parques e áreas protegidas. O mesmo autor teceu algumas críticas a tais modelos, principalmente por se apoiar na concepção de que para se proteger a natureza esta deve ser separada do homem, não incluindo o homem como parte integrante do mundo natural. Diante de toda essa discussão uma nova concepção de preservação da biodiversidade se apresenta: a etnoconservação, esperando que novos rumos sejam traçados pela proteção dos bens naturais, incluindo a especificidade cultural de cada país, a realidade diferenciada de cada bioma, a história cultural e as pressões que as populações envolvidas devem ser consideradas. Os planos de proteção devem entender que o homem se relaciona, classifica dentro da sua cosmologia a natureza e constrói conjuntamente com ela uma etnobiodiversidade. Deve-se conciliar o saber científico com o conhecimento tradicional gerado empiricamente, construindo junto com as comunidades o plano de conservação mais adequado (Albuquerque e Andrade, 2002).

### **Objetivo:**

O estudo se propôs a realizar uma investigação etnobotânica na Comunidade Palmital acerca do conhecimento e da percepção dos recursos vegetais existentes na Estação de Pesquisa e Treinamento em Educação Ambiental (EPTEA), buscando compreender quais as relações estabelecidas entre os moradores e o fragmento florestal, as pressões ambientais, políticas e econômicas a que estão submetidos.

### **Materiais e métodos:**

O estudo foi realizado na comunidade rural do Palmital, município de Viçosa, Minas Gerais, desenvolvida a partir da cultura caipira, originada historicamente da fusão do índio, do negro e dos colonizadores. Esta é uma das cinco comunidades que povoam o entorno da Estação de Pesquisa e Treinamento em Educação Ambiental (EPTEA), também conhecida como Mata do Paraíso, o maior remanescente florestal do município. A comunidade foi ativa no processo histórico de exploração de recursos madeireiros, utilização como pastagem e culturas agrícolas, e ainda na atividade de uma pedreira de extração de brita. Este histórico de atividades ocorrido na região não condiz com a sustentabilidade do sistema. Atualmente a Estação está sob proteção da Universidade Federal de Viçosa. Dois métodos de coleta de dados etnobotânicos foram utilizados. Primeiro os informantes foram convidados a responder um roteiro de entrevista semi-estruturada, o qual considerou perguntas concernentes ao conhecimento, percepção e utilização local da riqueza vegetal, além de buscar dados sócio-econômicos. Foram realizadas, no total, doze entrevistas. Em um segundo momento, dois moradores, que foram respaldados pela comunidade por deter grande conhecimento, e um convidado participaram de uma técnica individual de reconhecimento e coleta dos recursos vegetais *in loco*: a turnê guiada. Esse método permite validar os nomes populares citados nas entrevistas e identificação botânica das plantas citadas (Albuquerque e Lucena, 2004).

### **Resultados e Discussão:**

Verificou-se, como propôs Diegues (1994), que a comunidade Palmital pode ser entendida como tradicional, pois nela se destaca a dependência dos recursos e ciclos naturais disponíveis, importância das atividades de subsistência, valor dado à unidade familiar e auto-identificação de comporem uma relação de parentesco. O

conhecimento e o sistema de classificação não estão ordenados e disponíveis em moradores específicos, mas dispersos entre muitos que detêm apenas fragmentos do todo, como é típico e defendido por Rodrigues e Casali (2002). Entretanto, os investigados respaldam dois moradores homens e idosos, como detentores de alto conhecimento, e as mulheres se auto-reconhecem como carentes neste quesito. Tal padrão pode ser explicado pelas diferenças entre os costumes locais: muitas mulheres nunca andaram pelas matas e são responsáveis pelos trabalhos caseiros, enquanto os homens apresentam a particularidade de visitar as matas seja em busca de recursos ou a passeio. As metodologias demonstraram, ainda, que o conhecimento local é aguçado e detalhado, e que a sua transmissão oral, especialmente de pai para filho, é muito forte e importante. Na construção deste conhecimento local a empiria é essencial (Rodrigues e Coelho 2002). Porém, as experiências e os testes não são realizados por todos, mas sim restritos a alguns moradores. Alguns informantes percebem que a vegetação apresenta diferenças estruturais e florísticas, que é composta por fauna e flora ricas e interligadas. Diferenciam áreas na paisagem, como zonas antropogênicas e regiões mais conservadas. Para a maioria dos moradores a mata é importante por fornecer recursos, sombra, alimento e abrigo para os bichos, pela beleza e, principalmente, pela conservação da água dos rios. Contudo, para outros, a referência para se construir conceitos sobre a mata é a capacidade de ser utilizada ou gerar renda. Todos têm conhecimento que a EPTEA está sob os cuidados da Universidade e aprovam as medidas de preservação adotadas. Devido às propriedades das plantas medicinais estas se projetam como um elo significativo entre o homem e o ambiente. Todavia, tais plantas não são muito conhecidas e utilizadas pelos moradores, sendo os recursos destinados a construção e tecnologia amplamente mais citados. Dentre estes: *Mabea fistulifera* Mart. (canudo-de-pito), *Anadenanthera peregrina* (L.) Speg. (angico), *Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J.F. Macbr. (jacaré), *Apuleia leiocarpa* (Vogel) J.F. Macbr. (garapa), *Cecropia hololeuca* Miq. (cecrópia), *Luehea grandiflora* Mart. (açoita-cavalo), *Machaerium nyctitans* (Vell.) Benth. (bico-de-pato), *Vernonanthura diffusa* (Less.) H. Rob. (pau-de-fumo), *Xylopia sericea* A. St-Hil. (pimenteira) e *Solanum leucodendron* Sendtn. (capoeira-branca). Parte dos entrevistados acredita que a sua propriedade é suficiente para a sobrevivência. Entretanto, existem situações nas quais a autonomia não é garantida pela terra. Naquelas propriedades que não permitem a sobrevida temos como principais problemáticas a falta de familiares para ajudar nas atividades agrárias, falta de recurso empregar trabalhadores e a pouca terra, que geralmente é oriunda da partilha entre os herdeiros. Aqueles que herdaram um terreno pequeno procuraram trabalhos outros que garantam o bem viver. Parte destes moradores criou um desestímulo na vida no campo, sem perspectiva de futuro.

### **Conclusão:**

A comunidade do Palmital exibe peculiaridades no conhecimento, anseios e perspectivas sobre os recursos vegetais da EPTEA. Desta maneira, práticas alternativas de conservação devem respeitar tais especificidades, como, por exemplo, a dessemelhança do conhecimento entre homens e mulheres e o desejo de desenvolvimento econômico local. Estas mesmas práticas devem ainda primar pela construção de objetivos participativos desejados e entendidos pela comunidade. Finalmente, tais planos de conservação se projetam como uma alternativa aos modelos mais difundidos de proteção da natureza. (Sinceros agradecimentos ao Professor Ulysses Paulino Albuquerque, Laboratório de Etnobotânica Aplicada, UFRPE e toda a Comunidade do Palmital).

### **Referências bibliográficas:**

- ALBUQUERQUE, U. P., LUCENA, R. F. P. (Orgs.) *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife, PE: NUPPEA, 2004.
- DIEGUES, A. C. (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. NUPAUB/USP, São Paulo, 2000.
- DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB: USP, 1994, 163p.
- GALINDO-LEAL, C., CÂMARA, I. G. Mata Atlântica: uma síntese. In: GALINDO-LEAL, C., CÂMARA, I. G. (Eds.). *Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas*. São Paulo, Fundação SOS Mata Atlântica/Belo Horizonte, Conservação Internacional do Brasil, 2005. p.3-11.
- RODRIGUES, A. G., COELHO, F. M. G. Formas de conhecimento. In: RODRIGUES, A. G., ANDRADE, F. M. C., COELHO, F. M. G., COELHO, M. F. B. AZEVEDO, R. A. B., CASALI, V. W. D. *Plantas medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia*. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Fitotecnia, 2002.